

MARIA CAROLINA DA SILVA CARDOSO E SÁ



PARA QUÊ ?



CÂMARA MUNICIPAL
VILA NOVA DE FAMILIÇÃO

www.cm-vnfamaliacao.pt



www.cm-vnfamaliacao.pt



Fernando Costa & C., Lda.

www.fernandocosta.pt



www.cetrus.pt



www.organigrafica.pt



www.goarca.pt



www.imaprecision.com



www.oceanoideias.com

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e as empresas CETRUS, Fernando Costa & Cº Lda., GOARCA, IMA Precision, Oceano de Ideias e Organigráfica decidiram associar-se à divulgação do livro “Para Quê?” patrocinando esta edição com vinte e três Temas de Reflexão escritos pela mão de Maria Carolina da Silva Cardoso e Sá. Um livro que nos transmite o que lhe vai na alma e onde nos podemos rever constantemente.

Titulo: Para Quê?
Sub-título: Temas de reflexão
Autor: Maria Carolina da Silva Cardoso e Sá (Zinha)
E-mail de contacto: para.que@imaprecision.com
Revisão final e capa: José Augusto Cardoso Almeida Neves
Foto e Tratamento: Fernando Silva
Impressão e acabamento: Organigráfica
ISBN: 972-99751-1-6
Depósito Legal: 234118/05
Patrocinadores: **Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão**
www.cm-vnfamalicao.pt

CETRUS
www.cetrus.pt

Fernando Costa & C^a
www.fernandocosta.pt

GOARCA
www.goarca.pt

IMA Precision
www.imaprecision.com

Oceano de Ideias
www.oceanoideias.com

Organigráfica
www.organigrafica.pt



DEDICATÓRIA

Tudo começou com uma vida cheia de angústia, de preocupações, de desespero e de falta de um ombro amigo para desabafar as minhas mágoas.

Peguei em papel e esferográfica e havia que encontrar aquele confidente que eu tinha perdido, aquele amigo ausente a quem tudo podia confiar desabafando o que me ia na alma e que não conseguia albergar por mais tempo, sem transmitir a alguém.

Escrevi... escrevi... escrevi...

E, ao sentir-me melhor, mais tranquila, pensei em todos os seres que sofrem sem terem com quem partilhar as suas vidas, os seus problemas, as suas alegrias... tudo, enfim, o que engloba a vida humana. E comecei a escrever o que vivia e observava.

Fiz esta colectânea de textos e quis oferecê-los em homenagem póstuma ao meu marido, aos meus filhos, aos seis netos amorosos que me deram, aos amigos e familiares a quem tanto devo e que sempre me apoiaram e, porque não, àqueles que me votaram ao esquecimento quando o sofrimento e a solidão me bateram à porta.

É uma mensagem de amor, talvez utópica, mas aquela de que sempre fiz apanágio durante esta minha vida tão rica de sentimentos, de sensações, de fases de imensa alegria ou de profundo desânimo mas com a vontade férrea de tudo vencer e, apesar de tudo, encontrar felicidade.

Maria Carolina da Silva Cardoso e Sá
15 de Junho de 2004

PREFÁCIO

São vários os motivos que nos levam a escrever... São também vários os sonhos que regem a nossa escrita, mas, acima de tudo, é fundamental experimentarmos o prazer de escrever...

A escrita é uma forma de nos conhecermos, de nos definirmos no mundo em que vivemos. É, por isso, uma aprendizagem constante, um trabalho de busca permanente da melhor palavra, da melhor forma de dizer e combinar as palavras... uma investigação funda, cheia de dúvidas e hesitações, no sentido de revolver a língua em busca de verdadeiros tesouros de expressão. Mas é, por isso mesmo, um caminho excelente para nos encontrarmos com nós próprios, com os outros, com o sentido da humanidade... Por isso nos diz Florbela Espanca que “Ser poeta é ser mais alto”, e é-o de facto: aquele que escreve tem por missão traduzir os medos e as ambições, as alegrias e as tristezas, as memórias e os projectos futuros, não só seus, muito particulares, mas os do homem em geral. Porque, quando se escreve por paixão, com toda a alma, é na escrita do “poeta” que muitos se revêem, por um lado, encontram o ponto de partida para as suas reflexões, por outro, ou encontram até um motivo para também começarem a escrever.

Chamar poesia ao que o leitor irá encontrar neste livro não será talvez a melhor classificação, no entanto, no meu humilde pensar, poeta é todo aquele que abre a sua alma, nos faz abrir a nossa e nos motiva a escrever. E, como acredito que estamos perante uma poeta (ou poetisa, se assim preferirem), aqui estou para a apresentar: a Maria Carolina, para uns, ou a Zinha, para outros, é um ser de uma sensibilidade muito apurada, uma confidente por excelência e uma amiga incondicional. Por isso, caros leitores, o que ides encontrar nas páginas deste livro é a escrita de reflexões onde muitas vezes nos espelhamos, onde encontramos o alento para continuar a lutar pelos nossos sonhos e onde podemos rever um caos onde ir ter quando a fé nos falta ou nos salpica mais de mansinho. É um livro maduro, de pensamentos feitos palavra, que reúne a alma do homem enquanto poeta, do homem enquanto ser individual e social, do homem na sua totalidade.

Resta-me desejar-vos boas leituras, boas reflexões e, se possível, boas escritas futuras.

Para Quê?

Temas de Reflexão

Maria Carolina da Silva Cardoso e Sá
(Zinha)



Para quê escrever?
Para quê ter medo?
Para quê odiar?
Para quê ter fé?
Para quê a amizade?
Para quê chorar?
Para quê dizer sim ou não?
Para quê a revolta?
Para quê amar?
Para quê a beleza?
Para quê julgar?
Para quê ter filhos?
Para quê sofrer?
Para quê construir?
Para quê o abandono?
Para quê o prazer?
Para quê a solidão?
Para quê a saudade?
Para quê ensinar?
Para quê a educação?
Para quê o stress?
Para quê o aborto?
Para quê trabalhar?

PARA QUÊ ESCREVER?

Por que transmitir ao papel nos pode trazer tanta alegria, tanta paz de alma?!...

Quando a vida nos confronta com problemas inesperados, situações insustentáveis, “dores de alma” tão intensas e difíceis de comunicar, aqui estou eu, com o meu amigo papel, transmitindo-lhe, sem pejo, todos os sentimentos que me atormentam, todos os desejos inconfessáveis, todas as alegrias passadas, todas as mágoas recalçadas, toda a angústia de uma vida sem sentido, toda a negação do meu “eu”, toda a frustração, ansiedade, força, conquista, tristeza, luta pela vida, segredos, ambições, esperança, partilha, toda uma amálgama de sentimentos que nos confundem, nos afligem, mas também todo o valor de uma vida de sonho, doação, recusa, carinho, frustração, mas, sem dúvida, uma vida plena de muito, muito amor. É bom saber escrever!

Oh! Como é bom!...

Que seria de mim sem este “amigo” tão íntimo, que me escuta sem recriminar, grava os meus sentimentos sem os divulgar, o meu companheiro passivo, mas sempre presente, sempre ao alcance da minha mão, sempre partilhando comigo esta vida terrena tão controversa, tão cheia de surpresas, de raiva, ambição, guerras, paz, afirmação de nós próprios, concretização dos nossos sonhos, o ruir dos nossos sentimentos, o alcançar das nossas vitórias, o vibrar dos nossos corações...

Sim! É bom escrever, mesmo que ninguém leia, mesmo que fique ao canto de uma gaveta, mesmo até que se queime num forno qualquer!...

O nosso coração fica mais leve, a nossa alma mais limpa, os nossos desgostos mais suaves e todo o nosso ser mais aberto a tudo e todos os que nos rodeiam e também gostariam de poder escrever mas não conseguem e anseiam por nós para sermos o papel que não têm ou não sabem utilizar.

Saibam ser sempre como o papel “meu amigo”, embora mais empenhados na partilha do amor ao próximo.

PARA QUÊ TER MEDO?

Medo!... Aquela palavra mágica que nos faz perder a fala, nos coloca um “nó na garganta”, nos aprisiona os movimentos, nos petrifica, nos assusta, aterroriza, nos faz doer no mais íntimo do nosso ser!...

Sim, essa palavra maldita que nos atormenta desde a mais tenra idade, nos provoca um pavor incontrolável e tanto nos faz sofrer!...

Mal articulamos as primeiras palavras, logo essa maldição cai no rol do nosso vocabulário ainda escasso!...

Ter medo!...

Medo do escuro, medo do papão, medo de perder algo querido, medo dos ladrões, medo da dor, medo da doença, medo da alegria, medo do amor, medo... medo... medo...

Para quê?

Porquê?

Por que nos atormentamos tanto com o Medo, quando o Amor é uma palavra bem mais harmoniosa, calma, saborosa, querida, perfeita? Sim, o Amor é a palavra mais bonita do nosso vocabulário. Aquela que nos dá alento nos momentos difíceis, nos ajuda a suportar a dor com paciência, nos faz cuidar de tudo e todos com alegria e sem esperar recompensas nem elogios, nos leva a dar tudo o que temos para ajudar os outros, nos faz abdicar daquilo que mais gostamos a favor de outrem, sem sabermos muitas vezes se isso é o melhor para nós ou para esse outrem, por quem nos sacrificamos e amarfanhamos os nossos sentimentos, os nossos querereres, os nossos desejos e, até, quantas vezes a nossa felicidade. É assim mesmo. O Amor é tão seguro que nos atrai, tão intenso que faz de nós verdadeiros heróis.

Mas também esta bela palavra é quantas vezes tão mal usada!...

Ora vejamos! “Vamos fazer amor”.

Com quem?

Para quê?

Fazer amor com quem nos aparece e mal conhecemos e é única e simplesmente um acto

sexual, um orgasmo puramente físico, um adulterar de um sentimento tão belo a que sem pejo algum se usa e abusa, dando-lhe uma conotação meramente física sem qualquer sentimento a enleiar esse acto que deveria, sim, ser de Amor, mas que inúmeras vezes é apenas um “aborto” dessa palavra magnífica.

Esse Amor que vence o medo, que une as pessoas em todas as circunstâncias, que as liga principalmente na infelicidade, na doença, na provação, nas dificuldades e as leva a vencer esse medo que carregamos desde crianças e nos estraga os melhores momentos da vida.

Vivamos sem medo, mas com muito Amor.

Não esse amor meramente físico, mas aquele que nos une e nos dá alento em todas as dificuldades, nos fortalece na dor, nos ajuda a vencer a ignomínia, nos dá a maior alegria do Mundo. E, por que não falar do amor entre um homem e uma mulher? Sim, de um amor de partilha, doação, carinho, afecto, veracidade, que deve, sem dúvida, englobar o acto sexual, mas não fazer dele o sentido lato do verdadeiro Amor. Não, isso não! Pois aí virá novamente o medo. O medo da perda, o medo do desprezo, da angústia, do remorso, da hostilidade, do ser ou não ser amado, mas apenas usado e jogado fora, como se de lixo se tratasse.

Como são controversos os nossos sentimentos! Mas, quão valiosos poderão ser, se lhe soubermos dar “os condimentos” necessários para vencermos esse medo que nos aterroriza e nos destrói.

Aprendamos a Amar em todos os sentidos, com um coração puro, uma alma nobre, um altruísmo sem limites e seremos felizes.

Medo?!...

De quê?!...

Para quê?!...

Se o Amor tudo vence.

PARA QUÊ ODIAR?

Odiar, para quê?

Ódio! Só por si este pequeno vocábulo diz tudo. O sentimento mais atroz que o coração do homem pode desenvolver, sentir, infligir aos outros, adulterando a verdade, criando angústia, a repulsa, a triste e vergonhosa sensação do mais terrífico dos sentimentos. Deve ser muito mau odiar. O nosso coração terno deve tornar-se duro, hostil, indomável, perverso e, quer queiramos ou não, a nossa vida tornar-se-á num inferno.

Como podemos odiar aqueles que deveriam ser amados, desprezar aqueles que deveríamos respeitar, tratar com dureza quem deseja apenas um pouco do nosso carinho?

Odiar por ambição, por desprezo, por razões tão fúteis que se parássemos um pouco e reflectíssemos, envergonhar-nos-íamos de albergarmos em nossos corações um sentimento tão ignóbil e que nos arrasta no sofrimento e na dor.

Quantas guerras se evitariam, quantas discussões se desvaneceriam, quantos problemas se resolveriam, quanta paz espalharíamos ao nosso redor, quanta alegria brilharia em nossos olhos, se o ódio não existisse. Mas não é isso que acontece e temos de conviver com ele, sofrer as suas consequências, lutar contra ele e, acima de tudo, evitarmos que ele se instale nos nossos corações e passe a gerir os nossos actos, a infernizar quem em nós confia, a maltratar inocentes, a maldizer esta vida que, apesar das dificuldades, ainda é bela e vale a pena ser intensamente vivida.

PARA QUÊ TER FÉ?

Eu tenho uma Fé infinitamente grande em Deus.

Ele ilumina-me, guia-me, dá-me força e esperança para suportar as dificuldades do dia a dia. Quantas vezes nos sentimos impotentes perante os problemas que nos surgem inesperadamente, os sentimentos que nos atormentam, as angústias que nos parecem insolúveis, com todas as espécies de dores, sejam físicas ou psíquicas e estragamos, inúmeras vezes, momentos que poderiam ser bons, de plena alegria e boa disposição, pela nossa falta de Fé, na ajuda de Deus, que a todos ampara, enviando, mensageiros que são os nossos apoios em todos os momentos difíceis.

Basta ter Fé que os problemas resolver-se-ão por si, embora com uma ajudinha nossa, que só faz bem, pois nos ajuda a viver, nos sentirmos úteis e criativos, a usufruirmos da alegria de resolver dificuldades que, muitas, vezes, se aparentam insolúveis, mas que, com o nosso querer e a nossa Fé, se tornam simples e de solução fácil.

Ter Fé! Sim, ter Fé em Deus, na família, nos amigos, naqueles que nos são enviados para nos ajudarem, darem força, animarem-nos nos momentos difíceis e sem sabermos, esses “pequenos anjos” enviados por Deus, lá estão nos momentos certos para nos darem um pouco mais de felicidade, de vontade de continuar a lutar, de força para suportar a revolta que, por vezes, se apodera de nós, de nos guiarem para o caminho certo da solução dos mil e um problemas que surgem.

Fé! Palavra tão pequena! Duas letras apenas, mas, quanto conteúdo, quanta força, quanta alegria nos pode dar!...

Fé! Palavra querida por uns, desprezada por outros, ridicularizada pelos incrédulos mas que, para mim, representa “o bichinho” que nos dá aquele pontapé para enfrentar esta vida, este mundo tão inesperado, o dia a dia em que muitas vezes temos de ser heróis anónimos, mas, por vezes, com uma coragem bem superior aos que relata a História ou se encontram em estátuas das nossas praças.

Tenhamos Fé, muita Fé e veremos que sem nos apercebemos tudo se resolverá, tudo será mais fácil, mais razoável, mais solucionável e haverá menos dor, menos tormento, menos angústia.

Fé! Palavra tão simples, mas com tão grande amplitude!...

PARA QUÊ A AMIZADE?

O que é a Amizade? Um nobre sentimento que une as pessoas nos bons e maus momentos, que as faz felizes e realizadas, que as leva a ser melhores. Feliz aquele que tem Amigos! Normalmente são bem poucos os nossos conhecidos a quem passamos apelidar de Amigos. Há muitos amigos, mas com letra pequena, que nos abandonam se nos encontramos em desgraça, se a nossa fortuna rui, se os desgostos nos batem à porta, se a doença nos invade, se já não podemos partilhar com risadas, alegria, comezainas ou outras distrações, com esses falsos amigos que nos pareciam tão queridos, mas nos abandonam ao primeiro sinal de tristeza.

É muito bom ter Amigos com letra maiúscula, que nos consolam no infortúnio, nos amparam nos desgostos, nos confortam na desventura e estão sempre presentes quando mais precisamos deles. São como jóias preciosas que devemos guardar no cofre do nosso coração, usá-los quando necessário, mas, acima de tudo, velar por eles, cuidar do seu brilho na felicidade, dar-lhes o calor do veludo macio quando o infortúnio os atormenta e partilhar com eles festivamente, os bons momentos da vida.

Amizade, terno sentimento que nos traz segurança, nos atrai e facilmente se transforma em Amor.

Não esqueçamos no entanto que, por vezes, aqueles que pensamos ser amigos são os que nos traem mais facilmente, pois neles confiamos. Falsos amigos!

Os piores inimigos que nos aparecem durante a vida, usando palavras meigas, doces encantos, alegrias fortuitas, mas que, à vista do perigo, nos abandonam deixando-nos afundar no lodaçal da vida, sem sequer olharem para trás. São muitos, infelizmente!...

Outros há, os indiferentes, que muito comodamente parecem esquecer-se de nós nos momentos críticos, para reaparecerem entusiasmados quando o sucesso nos bate à porta, a alegria brota dos nossos corações ou a fortuna regressa.

A vida é feita deste turbilhão de sentimentos, que ora nos alegram, ora nos entristecem, criando em nós sensações de desânimo, frustração, desprezo, aflição, mas também de tranquilidade, afeição, ternura, boa disposição e, sobre tudo, a imensa alegria de que temos Amigos do Coração.

PARA QUÊ CHORAR?

Sim, para quê?

Mas, como controlar as lágrimas quando a tristeza nos avassala, quando a dor é profunda e afecta o nosso ser, no mais íntimo do nosso coração?

As lágrimas rolam pela face completamente incontroláveis, fazendo-nos desesperar por não conseguir disfarçar o nosso sofrimento. No entanto, ocasiões há em que chorar nos alivia, nos faz ficar mais leves e tranquilos, qual orvalho fresco nas manhãs primaveris.

Mas, quando o choro se torna incontrolável e os nossos soluços ecoam do âmago do coração, é bem diferente. Sentimo-nos destruídos, alagados, desfeitos, qual terreno avassalado por longa tempestade, donde se vislumbra bem toda a destruição causada pela intempérie: casas destruídas, árvores arrancadas, animais mortos, detritos variados, desolação, tristeza!...

E, tal como após a tempestade, metemos mão à obra e limpamos, recompomos, reconstruímos, assim temos de fazer após o temporal desencadeado no nosso ser.

Há que pôr ideias em ordem, encontrar saídas para a desolação, reconstruir os nossos sentimentos, refazer o nosso espírito, enchermo-nos de ânimo e, voltarmos a plantar “as flores destruídas”, para embelezarmos novamente as nossas vidas, darmos alegria à nossa existência e readquirirmos o brilho que existia em nós e, que, os desgostos foram destroçando.

Por vezes, sentimo-nos impotentes perante as calamidades que continuamente nos assolam mas, não devemos jamais perder a esperança de dias melhores, de alegrias sem fim e, tal como a Natureza brota na Primavera, assim os nossos corações explodirão de felicidade ao recuperarmos o nosso equilíbrio psicológico, ao vermos brilhar novamente o Sol que nos aquece o coração e nos dá força para continuarmos a lutar sempre, pela felicidade almejada.

Não será melhor rirmos até às lágrimas, desta vida que nos prega tantas partidas, nos faz sofrer irremediavelmente, mas também nos dá tantos motivos de alegria, tanta beleza a que passamos indiferentes, tanto amor que desprezamos. Abramos as janelas da nossa vida para que o Sol entre e nos faça encontrar rebentos novos que rompem do nosso ser e alegam os melhores momentos das nossas vidas.

Alegremo-nos com os pequenos nada que a vida nos oferece e aceitemos com resignação os

espinhos que nos dilaceram nos momentos de aflição. Enchemos os nossos corações de amor, abramo-nos à esperança e tenhamos FÉ que DEUS, NOSSO PAI, nunca nos abandonará e que estes pequenos percalços da vida a que tanta importância damos, não são senão pequenas veredas cercadas de espinhos mas que nos fazem amadurecer, aprendendo a separar o trigo do joio e, apesar dos arranhões que rasgam os nossos sentimentos, vislumbremos a estrada larga e ladeada de flores em que, com esforço e persistência havemos de encontrar sempre para nos sentirmos felizes e transmitirmos essa alegria a quem conosco se cruza.

É duro sofrer, tanto física, como psicologicamente, mas, quando conseguimos vencer a “doença” que nos avassala, é como se ressurgíssemos dum fosso profundo, irradiando luz e felicidade pela vitória alcançada.

Como são, por vezes, incompreensíveis os desígnios de Deus!...

Mas, quanto prazer sentimos ao sermos tocados pela Sua Mão amiga e protectora, ao longo dos mais difíceis momentos das nossas vidas.

Não há sensação mais maravilhosa quando estamos sequiosos e nos matam a sede, quando nos saciam a fome, quando nos dão uma mão amiga para unirmos força na escalada desta vida que, em certos momentos nos parece difícil, mas que, com coragem conseguimos alcançar a felicidade e o controlo do nosso desespero, do nosso egoísmo, quando pensamos que só nós sofremos. Lutemos com coragem e veremos o quão mais bela se torna esta passagem neste mundo de aprendizagem e sintamos o prazer da doação, do auxílio aos que sofrem mais que nós, do amor que podemos dispensar àqueles que dele carecem. Sejamos felizes e façamos felizes quem nos rodeia.

PARA QUÊ DIZER SIM OU NÃO?

Duas palavras tão pequenas, tão simples que podem modificar toda uma vida. Somos diariamente confrontados com este dilema: sim ou não? Pensamos, matutamos seriamente na resposta mil e uma vezes indecisos entre dois dilemas, que são tantas vezes proferidas imaturamente, com frieza, com hesitação, levando-nos muitas vezes a tomar decisões que irão fazer de nós vencedores ou vencidos.

Quantas vezes arriscamos a dizer uma destas palavras sem lhe darmos o valor que elas têm, provocando o sofrimento em nós próprios e nos outros.

Decisão tomada, palavra escolhida “Sim” ou “Não” e aí temos toda uma vida modificada para melhor ou pior conforme a reflexão que fizemos antes da decisão.

SIM ou NÃO?

Inquirimo-nos inúmeras vezes ao dia sobre pequenas coisas, sobre resoluções drásticas, sobre problemas que nos assolam e sobre tudo o que queremos viver. E, dessa resolução, traçaremos o caminho da nossa vida, determinaremos os nossos quereres, as nossas resoluções, o nosso futuro, a nossa felicidade ou infelicidade.

Se reflectirmos um pouco, sobre a nossa vida, vemos que ela é feita de sins e nãoos que fomos proferindo e delineando assim, aquilo que seria o nosso viver.

Raramente meditamos sobre o sim ou o não e deles dependem todas as decisões da nossa vida, o construir dela própria, o edificar do nosso futuro. Momentos há em que preferir uma dessas palavras nos provoca angústia, incerteza, preocupação, outros há em que, sem hesitar optamos alegremente e com confiança, optimismo, com a certeza que a decisão é acertada e a melhor para nós. Mas, quantas outras vezes, se pudéssemos voltar atrás e apagar esse sim ou esse não que tanta infelicidade nos causou o que faríamos para, no nosso entender, calcorreamos caminhos diferentes, dar nova vida à nossa vida, dar novo ser ao nosso ser, dar um rumo diferente ao nosso destino.

Mas a vida é mesmo assim e, quando se diz sim a uma coisa, teremos de dizer não a muitas outras e desta forma vai a nossa existência sempre implicitamente ligada ao sim e ao não!...

PARA QUÊ A REVOLTA?

Sinto-me revoltada!

Ouve-se, inúmeras vezes, este desabafo que pode ser dito sem grande afirmação ou vir mesmo do mais íntimo do nosso ser.

Que razões nos podem levar a sentir uma revolta tão profunda que quase nos chegamos a odiar? Que mundo é este que nos leva a tanto sofrimento até a revolta tomar conta de nós e quase nos impedir de raciocinar?

Como podemos arcar com tantas responsabilidades, tanto desprezo, sem nos revoltarmos? Sim, é fácil julgar os outros quando a vida nos corre bem e as nossas angústias são diminutas. É muito difícil de imaginar o sofrimento de uma mãe que se vê abandonada e, quantas vezes privada da companhia dos seus rebentos, dos filhos repudiados pelos pais porque não corresponderam aos seus sonhos ou quando foram fracos ou se deixaram seduzir pelos prazeres mundanos e os seus pais e amigos não souberam dar-lhes a mão, ajudarem-nos a sair das “areias movediças” que, por vezes, os sugam e das quais lhes é impossível a libertação, sem aquela “mão amiga” que lhes dá ânimo para prosseguirem.

Quando desaparece deste mundo um ente querido que nos amava, nos dava carinho, e que nada nem ninguém pode substituir!...

E, quantas e quantas pessoas, se sentem injustiçadas pela vida, os amigos, a família...

Quando a doença nos ataca, as forças escasseiam, as responsabilidades são superiores às nossas forças, a revolta vem, e, muitas vezes, preenche o nosso coração.

É muito difícil imaginar a dor sem a sofrer no mais íntimo do nosso ser e suportá-la pacientemente, anos e anos, sem vermos outra alternativa senão seguir em frente, angariar força onde ela já se extinguiu, buscar alegria onde paira a tristeza, buscar o amor onde só existe ódio, abandono, ira, desgraça, infortúnio...

Tudo isto gera a revolta e, como sempre, o Amor tudo pode resolver. O carinho dos amigos e familiares, o alento dos que nos ajudam, a alegria que paira à nossa volta (mesmo que não a vejamos) são uma janela aberta para deixar entrar a esperança e a resignação, dando-nos uma maneira positiva de ver a vida e de a encarar de frente, solucionando problemas, abrindo

novos caminhos, alegrando-nos com pequenos nadas, dando um condimento mais saudável a tudo, mesmo tudo, que temos de enfrentar neste mundo...

Que a revolta se vá e deixe entrar a aceitação das dificuldades, pois é com elas que aprendemos a sentir que fomos postos neste mundo para lutar e dar solução aos problemas que se nos deparam.

Tenhamos paciência e perseverança e veremos que nada é insolúvel nesta vida.

Revolta, nunca mais!...

Perseverança, sempre!...

PARA QUÊ AMAR?

Eis o tema mais abordado, mais controverso, mais empolgante e que invade todo o mundo, todos os povos, todos os meios de comunicação, toda a literatura desde a mais erudita à de cordel, cantada pelos artistas românticos, dissecado até às vísceras e, desde os primórdios do tempo, tão discutido, tão sentido e motivo de tantas alegrias e de tantas lágrimas, de tanta dádiva e de tanto ódio, de actos heróicos e de crimes hediondos. Sim, é essa força que move este mundo, lhe dá vida e faz todo o ser humano sentir toda uma amálgama de sentimentos, desde os mais belos aos mais desprezíveis.

Sim, amar sempre foi, é e será, a razão de toda a existência, o borbulhar dos nossos corações, “o sal e a pimenta da nossa vida”.

E, então, PARA QUÊ AMAR?

Para darmos uma razão óbvia e inequívoca a esta vida que somos obrigados a viver, mas que podemos, com liberdade, tornar numa passagem agradável e terna (apesar de todos os desgostos, as angústias, as guerras, as desilusões, enfim, um desfiar inúmero de todas as dificuldades a ela inerentes) ou torná-la insustentável, difícil, tal como um poço sem fundo ou um túnel lúgubre e inacessível... Compete-nos a nós dar-lhe os condimentos necessários para a vivermos intensamente e sempre com muito amor.

Palavra tão pequena, mas tão bela, por todos sentida das mais diversas maneiras, mas, quantas vezes adulterada e desafiadoramente retalhada em pedaços de lixo tão imundo, que ficamos perplexos como uma palavra que contém “toda uma vida” possa ser tão conspurcada por pessoas que vivem neste mundo que, de tanto tratarem este tema, o corrompem até ao mais alto grau das vicissitudes do homem.

É bom AMAR.

Oh! Sim!

Como é bom!...

Sentir o nosso coração bater descompassadamente por alguém, esquecermo-nos de nós próprios para alegrar os outros, acariciarmos com ternura os entes queridos, balbuciar palavras de carinho, darmos tudo o que em nós existe para tornar feliz o ser amado.

Assim continuará a ser até aos confins dos séculos, este sentimento que nos dá a vida e,

quantas vezes, também a destrói. No entanto, tenhamos sempre esta capacidade enorme de amar com todas as forças do nosso coração e colaboremos para um Mundo mais Feliz e com um Amor sem limites.

PARA QUÊ A BELEZA?

Beleza!... Procurada por uns, endeusada por outros, esculpida ou pintada por artistas, descrita por literatas e poetas, adulada, preservada por quase todos aqueles que a possuem, eis aquela que a todos seduz, mas poucos parecem possuí-la. Sim, porque a beleza física, a beleza do corpo humano, não é eterna. Ela esfuma-se com o passar dos anos, dilui-se repentinamente num acidente ou numa doença, adultera-se diariamente quando, friamente enlevados por ela, pensamos ser donos do mundo, ser os deuses gregos do universo, os perfeitos, os escolhidos, a personificação dos deuses na terra. Quão efêmera, é esta ilusão!... Quão triste é olharmos para um ser humano de uma beleza idílica, mas com uma arrogância despropositada, um desprezo pelo outros absolutamente inusitado ou uma fanfarronice que chega a raiar a insolência!...

É bom ser belo!

Sim, é muito agradável ser-se belo, admirado, mas quão mais inolvidável é ser belo de coração!...

A pessoa que tem a felicidade de possuir um coração puro, uma alegria interior contagiante, um amor a tudo que o rodeia, é sem dúvida, “Miss Mundo”, pois dela brota a maior das belezas, um sem número de actos de amor, numa torrente infinda de alegria contagiante, de apoio a tudo e a todos, de amizade sem fim, de uma pureza que nos atrai e inunda as nossas almas, da verdadeira beleza deste mundo, a arte de saber viver e ajudar os outros a enfrentar a vida com optimismo e muita, muita alegria.

Que bom é ser assim belo, possuir esse Dom maravilhoso que só é concedido a alguns, que a nossa vista não consegue vislumbrar, mas o nosso coração guarda com carinho, emoção e uma forte vontade de partilhar a companhia incomparável desses entes especiais que vivem neste mundo, muitas vezes tão no anonimato que mal se fazem notar, não sendo capa de revista, não aparecendo nos grandes écrans, mas vivendo imbuídos nesta sociedade tão insaciável, que mal os nota, mas que são realmente os únicos possuidores da autêntica beleza, daquela que devíamos almejar, daquela que nos acompanha toda vida, daquela que não envelhece, não se destrói e que só nos faz sentir o quão é belo viver!...

Beleza física, sim, mas com um coração tão mais belo que infunda em nós a alegria de ser realmente belo.

PARA QUÊ JULGAR?

Todos nós temos uma tendência inata para julgar os outros, mas muito poucos têm a coragem de se julgarem a si próprios. Fazer um exame de consciência dos nossos actos, fazermos uma crítica àquilo que fazemos aos outros, auto julgarmo-nos com ponderação, seria bem melhor que nos darmos ao luxo de julgar sem condescendência e egoísmo do nosso próximo.

É fácil atirar “pedras”, magoar os outros, fazer dos seus defeitos quase uns crimes, recriminá-los por faltas mais ou menos graves, mas julgar e andar a remendar os pequenos “rasgões” das suas vidas é algo de mais difícil e pouco usual.

Li, há tempos, um pensamento que engloba bem, o quão é difícil é julgar. O autor, dizia assim “Nunca julgemos os outros sem primeiro calçar as suas sandálias”.

É, na verdade, uma reflexão muito correcta, pois, como poderemos condenar alguém, sem termos percorrido todos os trâmites da sua vida, sem termos a vivência dos actos, daquilo que os ocasionou, das múltiplas “passadas” dadas até eles se concretizarem e, quando transbordam fora dos limites do segredo, já muito adulterados por línguas afiadas e sempre predispostas à maledicência, são postos a nu sem qualquer pejo, pelo cidadão mais irrepreensível, torneando com requintes de malvadez os deslizos de outrem, que talvez esteja a sofrer amargamente e, do que mais ansiava, era de uma mão amiga, de uma palavra de conforto, de alguém que o ouvisse e ajudasse a resolver os problemas que, muitas vezes, se lhe deparam insolucionáveis ou até foi vítima de terceiros, que o iludiram e o levaram a praticar algo que ele próprio repudia.

Mas não, tudo o que é desgraça, maledicência; é notícia! E, portanto, há que espremer até à última gota, deturpando e vilpendeando algo que possa escandalizar alguém, que possa ser motivo de chacota, de conversa grotesca em qualquer antro até à mais luxuosa sala de conversa. Sim, a desgraça, o desprezo pelos os outros, é o tema de conversa mais apetecível em quase todos os grupos, quer sejam ou não crentes, quer sejam ou não moralistas, quer sejam ou não os frequentadores diários da igreja.

É inacreditável, mas, é a triste realidade deste mundo que, sentindo-se tão evoluído, não consegue melhorar os seus sentimentos mais terrenos e, cada vez mais, se interessa pela vida dos outros e se compraz com as suas desgraças, as suas derrotas, as suas dificuldades.

É bom, quando alguém tudo faz, para modificar esta maneira tão triste e incorrecta de tratar

os nossos irmãos. Seria maravilhoso que a nossa vida fosse orientada para se congratular com a justiça e por partilhar cada vez mais no bem-estar daqueles que nos rodeiam.

PARA QUÊ TER FILHOS?

Filhos, o maior amor do mundo, carne da nossa carne, sangue do nosso sangue. Toda a ternura que uma mãe tem ao embalar o seu filho no seus braços, amamentá-lo, a ajudá-lo a dar os primeiros passos, a ver desabrochar, completamente enleada pelo prodígio da procriação, tentando defendê-lo, ajudá-lo, fazer dele um ser de que se possa orgulhar e que seja útil à sociedade.

Desejamos para os nossos filhos o melhor, queremos que eles sejam irrepreensíveis, lindos, simpáticos, inteligentes, enfim, os melhores do mundo.

É este o sonho de quase todas as mães mas, a pouco e pouco, vamo-nos apercebendo que os nossos filhos são humanos, têm qualidades e defeitos e, tal como nós, são imperfeitos. Há que os aceitar tal como são, com todo o carinho e amor, encaminhar as suas tendências para o bem, ajudando-os a crescer, a enfrentar este mundo que tanto os desilude, canalizar as suas vontades para a prática do bem, do amor ao próximo, do respeito por si próprios e por todos os outros.

Um filho é a maior riqueza que temos na vida e, tal como conservamos as nossas jóias, os nossos bens materiais, mais ainda devemos fazê-lo por eles. Há momentos de desalento, desilusão, mas nunca abandonemos um filho porque caiu em desgraça. Aí precisam mais de nós, do amor que só quem é mãe sabe dar e, com esse sentimento, não há desgraça que triunfe, tristeza que prevaleça, angústia que não se minimize. Amor será sempre o remédio para todos os males que espreitam os nossos filhos e, com eles, edificaremos a maior arma para a sua defesa, o escudo contra os infortúnios que assolarão a sua existência.

Nunca desanimemos de educar um filho, pois por mais infrutífera que pareça a nossa “sementeira”, se tratarmos dela, arrancarmos as ervas daninhas, adubarmos o seu terreno saciando-a da sede, a seu tempo, os frutos brotarão e abençoaremos o tempo gasto com os nossos filhos, para chegarmos à conclusão que toda a sementeira bem tratada dará bons frutos e, então, olharemos enlevados para os rebentos que criamos e que são homens e mulheres, íntegros nos seus sentimentos, responsáveis nas suas atitudes, humildes nas suas qualidades.

Se soubermos proporcionar o tempo que nos é possível aos nossos filhos, teremos o prazer de os ver crescer em toda a plenitude e, quando a velhice chegar, teremos ali o suporte para os

nossos males, o alívio para os nossos sofrimentos, o carinho amigo do amor pelos pais que lhes deram a vida.

Filhos, a continuação do nosso eu, o frutificar das sementes que lhes demos, o desabrochar do seu carácter, tudo é de uma beleza incomparável mas, tal como um jardim bem cuidado explodirá de alegria na PRIMAVERA, também os nossos filhos o farão, se com eles tivermos o carinho para os guiar, para arrancar as ervas daninhas, “podar” os seus defeitos e ver chegar a adultos com confiança e com as qualidades que desde a concepção almejamos para eles.

É uma arte saber educar e que só nos é proporcionada uma vez na vida. Façamo-lo com todo o esmero, pois que, nos foi confiado o maior tesouro do mundo, o nosso filho. Todo o tempo passado com os filhos não é em vão, pois, dos maus e bons momentos, se constrói uma vida e se dá o ser à nossa obra-prima, qual escultura, cinzelando minuciosamente a pedra bruta, transformando-a em imagens que nos desvanecemos a admirar. Eduquemos com amor, para que a obra final seja bela, terna, sedutora...

Obrigado, meu Deus, por me teres feito mãe.

PARA QUÊ SOFRER?

Por vezes, quedamo-nos a pensar: Para quê sofrer tanto? Como minorar essa dor que nos dilacera a alma, nos faz brotar lágrimas de angústia, nos leva à revolta e ao desalento.

Mas, quantos de nós já parou para pensar que o sofrimento é muitas vezes um bem que nos é dado viver para mudarmos a nossa vida, acalmarmos os nossos ímpetos, modelarmos o nosso carácter, adoçarmos o nosso génio e arranjarmos coragem para enfrentarmos as dificuldades que nos surgem e que, aos nossos olhos, nos parecem injustas, demasiado dolorosas e com um carisma de dor que não conseguimos suportar?

Habituemo-nos a ser resignados mas não perdedores e aniquilados pelo sofrimento. Uma resignação maleável, acompanhada de muito amor e carinho, fará adoçar os corações dos que nos rodeiam habituando-os a amar com todo o seu ser e para nós, obteremos uma paz mais tranquila de lidar com a dor, uma vontade férrea de vencer os infortúnios e um acreditar mais em nós próprios, no nosso grande poder de sofrer sem desanimar, de encarar situações difíceis com mais calma e tenacidade, a sentirmos orgulho de nós próprios por sermos vencedores e, além do mais, por conseguirmos espalhar felicidade à nossa volta.

É uma luta difícil, eu sei.

Mas, qual não será o nosso espanto ao vermos como vencemos os infortúnios, como encaramos os problemas, como resolvermos cada dificuldade da vida com a tenacidade de verdadeiros heróis.

O nosso exemplo, conseguirá arrastar connosco todos os que nos conhecem e ajudá-los a saber enfrentar com calma as adversidades desta vida, a usar a sua força interior, a aceitar com abnegação a dor, a saber amar mais e melhor cada um e até eles próprios.

E sempre, termino, dizendo que o amor tudo vence e não há remédio em nenhuma farmácia, tão eficaz como ele.

PARA QUÊ CONSTRUIR?

Construir!... Fazer algo que immortalize o homem, algo de belo, algo de magnífico, algo que deixe extasiados os que contemplam a obra feita. Esculturas de uma beleza inigualável, monumentos maravilhosos, pinturas absolutamente indescritíveis, peças de joalheria magníficas, roupas de grandes costureiros, enfim... um sem número de obras de arte que, para a maior parte dos mortais, são inatingíveis, mas que nos deliciam os olhos e os sentidos. No entanto, sem sermos artistas de renome, todos poderemos construir uma imensidade de coisas que, sem reflectirmos, vamos diariamente edificando e, quantas vezes, obras dignas das maiores menções honrosas mas que passam despercebidas à maioria das pessoas.

Vejamos aquela mãe que trabalha arduamente até altas horas da noite, para proporcionar à sua família bem-estar, conforto, alegria, educação. Ela está a construir os homens de amanhã, aqueles que habitarão este mundo e o farão crescer em todos os âmbitos. Além, vemos pessoas simples, mas munidas de uma coragem inabalável, enfrentando os dissabores da vida, resolvendo os problemas, ajudando os outros, construindo um mundo melhor e fazendo florir algo de belo neste “paraíso” há muito envolto em guerras, tristezas, abusos de toda a espécie, enlameado e conspurcado por inúmeros seres humanos que são absolutamente aviltantes e destruidores de toda a beleza que nos rodeia.

Acolá, vão homens e mulheres que deixaram as suas famílias, os seus amigos, as suas casas, os seus bens, e correm a ajudar os miseráveis deste mundo podre, assolado pelas guerras, infestado de epidemias, alheio ao sofrimento de seres inocentes, de velhos indefesos, de mulheres abandonadas, usadas, vendidas, maltratadas, vendidas e desprezadas. Heróis anónimos dos nossos dias construindo algo de belo, ajudando quem deles necessita, construindo passo a passo o ressurgir do brilho de muitos seres humanos que se tinham esquecido de sorrir, de apreciar a beleza de viver, de olhar com nostalgia uma noite estrelada ou ver nascer o sol e alegrar-se com a vida de um novo dia.

Construir!... Construir!... Construir!...

Tudo o que podemos fazer dos mais diversos modos, com frutos mais ou menos abundantes, com beleza e carinho pela obra criada. Tudo o que fazemos, deve ser feito com amor, pois só assim conseguimos infiltrar o carinho da beleza em algo realizado.

Todas as obras brilharão e, só aqueles dotados de uma grande beleza interior, conseguirá dar

o devido valor às “construções” deste mundo e se afastará com repúdio da destruição que nos assola diariamente.

Construamos um mundo melhor, um mundo sem medo, sem agressões, sem ódio, e, tal como cuidamos da nossa beleza, dos nossos sonhos, do nosso bem-estar, do conforto do nosso lar, das flores do nosso jardim ajudemos os outros a construir com carinho uma vida melhor, mais bela, mais digna e com um grande «Sol» que nos aqueça e ilumine.

PARA QUÊ O ABANDONO?

Instalemo-nos no sofá em frente à televisão e ouçamos as notícias. Crianças abandonadas vivendo na rua, roubando para sobreviver; velhinhos repudiados pelos próprios filhos, entregues à solidão, à doença, à angústia, à tristeza. Crianças e jovens maltratados, usados, vendidos, estropiados, mulheres espancadas pelos próprios maridos, tratadas qual cão sarnento, abusadas e vilipendiadas, homens e mulheres deficientes, arrumados a um canto, escondidos e, quantas vezes maltratados, escarnecidos e marginalizados por muitos seres humanos.

Se quiséssemos continuar, teríamos um rol sem fim de seres humanos abandonados, vítimas de egoísmo do homem, vítimas do “progresso” desta sociedade sedenta de dinheiro, posição, ódio, uma sociedade desprovida de amor, do sentido de doação, entrega, altruísmo. Em pleno século XXI, o homem, assoberbado pelo progresso, pelo bem-estar, habituado a ter os seus quereres satisfeitos sem grandes sacrifícios, tornou-se no animal mais feroz à face da terra.

Com pesar, vejo este mundo que deveria ser cada vez melhor, a transformar-se num antro de promiscuidade, repulsa pelo próximo, abuso do poder, vilipendiado pelos sentimentos mais mórbidos do ser humano.

Lágrimas de sangue correndo nas faces de crianças vilmente usadas e maltratadas, de mães angustiadas, de anciãos escorraçados, de deficientes escarnecidos e postos à margem desta sociedade que se julga tão evoluída, tão progressista, tão infinitamente melhor que todas as que já viveram.

Quisera eu viver numa tribo isolada duma qualquer floresta, onde ainda existe o sentido de família, o respeito pelos mais velhos, o amor pelas crianças, onde toda a comunidade luta pelo bem-estar do seu próximo, onde o amor é cândido e floresce como as plantas selvagens que a circundam.

Quão belo seria este mundo se nele houvesse mais respeito, mais integridade, onde não fosse necessário assinar montes de papéis e um simples aperto de mão selasse um contrato, onde a palavra dada valia mais que os documentos assinados em cartório, onde haveria Amigos em quem confiar, onde existiria uma inter-ajuda permanente, persistente e desinteressada, onde as crianças brincassem sem receio de todo o tipo de vilania, onde os jovens sentissem que iriam construir um mundo melhor confiando no profundo saber dos mais velhos, onde tudo

fosse belo no verdadeiro sentido da palavra.

Tal como a Natureza brota em flor na Primavera e, embevecidos reparamos na beleza das flores mais simples, façamos de tudo o que nos rodeia um ninho de amor e fraternidade.

PARA QUÊ O PRAZER?

Hoje em dia busca-se e rebusca-se em torno do prazer.

Do prazer momentâneo, sentido num orgasmo de ocasião, do prazer da lisonja, na boa mesa, no luxo de possuir belas casas, carros do último modelo e marcas conceituadas, no prazer fácil e quantas vezes adquirido com o sofrimento de crianças indefesas ou de jovens incautas.

É óptimo ter prazer, efectuar o que quer que seja com perfeição, com carinho, com uma dádiva total de todo o nosso ser. Quão belos são os quadros pintados por quem neles imprime toda a beleza e calor que só um ser humano sabe imputar às suas obras!

Quão belos são os pequenos nada do dia a dia feitos com carinho, com toda a força interior existente em cada um de nós. Vejamos a beleza de um lar onde a mãe faz as refeições, o arranjo da casa, o tratar dos filhos, o acolher do marido após um dia de trabalho exaustivo, o decorar com os seus pequenos trabalhos (bordados, rendas, costura, tudo enfim o que dá conforto ao que nos rodeia e onde sentimos o amor posto em cada objecto colocado, em cada flor, em tudo o que nos encanta e há um pouco de nós).

Já deparamos, inúmeras vezes com casas luxuosamente decoradas, mas, onde não há aconchego, amor, pois tudo foi feito por estranhos e nela nada há de “nosso” de qualquer coisa que nos faça sentir o calor humano que dela emana.

Tudo o que fazemos, devemos ter um prazer enorme, pois só assim retrataremos o amor que o nosso coração alberga.

E, não quero terminar esta reflexão, sem falar no prazer sexual.

Sim, também esse é um dos maiores prazeres que o homem pode sentir. Mas creio bem que só será pleno se houver um grande amor, um sentimento profundo que se prolongue muito além de um simples orgasmo, um prazer pleno por fazer feliz alguém que muito amamos e desejamos ver feliz junto de nós.

Não creio que num bacanal qualquer, o prazer momentâneo não dê origem a frustração, ao arrependimento, à insegurança e até ao desprezo por nós próprios, pela nossa fraqueza humana, pela omissão de algo que jamais pode faltar, o Amor.

PARA QUÊ A SOLIDÃO?

Solidão!...

Estar só, terrivelmente só, sem um amigo, sem uma mão amiga que segure a nossa, sem parentes, sem nada...

Solidão! Procurada por alguns eremitas para poderem meditar, afastarem-se deste mundo cruel, buscando na Natureza a companhia, usufruindo da beleza circundante, dos animais que pululam por entre as folhas, ora procurando alimento, ora preenchendo de trinados aquela solidão procurada, ora lutando, ora dando inequívocas provas de sociedades organizadas.

A calma dos ventos ululantes por entre os ramos, os dias de calor intenso, onde, nas grutas, os eremitas se refugiam, as tempestades fantasmagóricas que nos reduzem à nossa humilde condição de humanos. Solidão feliz e assumida.

Solidão! Procurada por homens e mulheres que escolhem a clausura para se sentirem mais perto de Deus, orando por todos os que não querem ou não podem fazê-lo, uma vida de reflexão, mas também de sacrifício e abnegação.

Solidão!...

Daqueles que se isolam no meio da sociedade, negando todo o tipo de ajuda, envoltos no mundo da droga, da mendicidade, do álcool... Seres tristes e angustiados, revoltados contra tudo e todos, marginalizados por opção, mas com um peso demasiado grande para suportar sozinhos, levados muitas vezes ao suicídio, ao abandono, ao desespero...

Solidão!

Daqueles que foram felizes, tiveram família e, agora, tristes, velhos e abandonados lutam com uma réstia de força para se manterem vivos, apesar da dor pungente nos seus corações dilacerados pelos desgostos, pelo abandono, pela ausência dos entes queridos.

Solidão!...

Dos que vivendo em famílias de sociedade, se sentem absolutamente sós, sem préstimo, sem vontade de viver. Pessoas rodeadas de carinho, de conforto, de luxo, de tudo o que faz qualquer ente feliz mas que, para certas pessoas passa completamente despercebido,

isolando-se cada vez mais, criando um casulo à sua volta, afastando amigos e familiares e vivendo numa tristeza sem fim, pois não conseguem ver a beleza que os rodeia, o amor que paira à sua volta, a angústia que criam nos entes que mais lhes querem, enfim, uma solidão incompreensível, mas existente, uma solidão doentia mas verdadeira, uma solidão incompreendida, mas presente!...

Solidão!...

Dos que vivem com quem não os entende, não os ama, que se esfalfam a trabalhar para dar conforto à família, se riem e aparentam alegria enquanto o seu coração chora por tanta incompreensão e tanta falta de carinho.

Solidão!...

Daqueles que vivem com quem os ama mas que já não os pode compreender, devido ao seu estado de saúde ou à velhice e se sentem terrivelmente sós. Têm de abarcar com inúmeras responsabilidades, de tudo fazer, de manter a calma e o carinho necessários àqueles entes quase vegetativos mas que ainda se riem com alegria e choram com emoção. Enquanto o seu coração chora de angústia por ver esses seres tão queridos e ainda fisicamente vivos, mas mentalmente destruídos, desmemoriados, fracos e dependentes de alguém que tenha a força e vontade férrea de permanecer junto deles, dar-lhes apoio, manter um sorriso e boa disposição para que não sintam o quão pesado é tratar deles.

E, sobre este tema, poderíamos dissertar durante horas e horas, mas de nada serviria.

Mais fácil será tentar minimizar essa solidão, abrir o nosso coração aos inúmeros amigos que nos cercam e desejam ajudar-nos, mantendo o nosso espírito ocupado com algo que nos dê satisfação, aceitando com abnegação o que a vida nos dá e tentando sempre que solidão não tome conta de nós, fazendo-lhe frente com heroísmo e lutando a cada minuto pela felicidade.

PARA QUÊ A SAUDADE?

Saudade!...

Já quase todos nós fomos confrontados por este sentimento que nos causa sofrimento, tristeza, nostalgia, aflição, esperança, dor...

Quem não recorda com saudade os tempos passados, as coisas boas da vida, a infância dos nossos filhos, as nossas brincadeiras de crianças e adolescentes, os amores da nossa vida?!...

Quem não sofre com a ausência dos seus entes queridos, quer motivada pela distância, pelos múltiplos afazeres do dia a dia, pelo falecimento de alguém, pela perda de um amigo?

É duro sofrer pela ausência de alguém que a distância afasta de nós. Ansiamos pelo momento do reencontro, por um forte abraço que nos parece prender para sempre a esse ser que aparece e desaparece das nossas vidas, proporcionando-nos momentos de alegria esfuziante, de ternura sem fim, de angústia na despedida, de esperança no novo encontro. Recordamos cada momento vivido com nostalgia, suave alegria, ansiedade e uma dor que cala fundo no nosso coração mas que se vai atenuando com o abreviar do novo encontro.

Em certos casos, a saudade é menos forte, pois as pessoas vivem perto ou mesmo junto de nós, mas o trabalho extenuante, as tarefas infundáveis, afastam de nós quem mais amamos e muito gostaríamos de poder partilhar mais momentos de convívio, mais opiniões trocadas, mais presença física daquela pessoa. Recordamos com saudade tempos passados em que, com menos conforto, menos luxo, menos dinheiro, tínhamos a alegria insubstituível desse alguém que almejamos ter sempre ao nosso lado.

Mas quando nos bate à porta a saudade de alguém que já partiu para outro mundo, que fez parte da nossa vida, que nos apoiou nos momentos difíceis, nos ouviu pacientemente quando estávamos angustiados, se riu connosco nos momentos felizes, nos dispensou muito amor e ternura, essa sim, é a saudade eterna.

Aquela que não finda, aquela que nos faz sofrer para sempre, mas que também nos conforta ao sabermos que parte da nossa vida foi preenchida por alguém que muito nos amou, nos dedicou momentos inesquecíveis e, quiçá, continua a velar por nós e a dar-nos força para viver.

Também é grande a saudade pela perda de um amigo que por afastamento, discórdia ou por

interferência de terceiros, nos deixou uma lacuna difícil de preencher, uma ansiedade indefinida e uma réstia de esperança de readquirir a amizade perdida.

Saudade, é sempre saudade!

Pode ter uma conotação de alegria e de tristeza, de angústia ou nostalgia, de vazio ou desespero, mas será sempre um sentimento que afecta todo o ser humano e o faz rir ou chorar, reflectir ou tentar esquecer, mas sempre algo comum a todos nós. E, por vezes, como é bom recordar com saudade os momentos bons da vida, a dificuldade que tivemos a resolver os problemas que, com persistência e coragem conseguimos vencer, a alegria infinda das ocasiões cruciais da nossa vida (primeiro namoro, casamento, nascimento de filhos, bodas de prata e ouro do nosso casamento...) enfim aqueles que saudosamente recordamos com carinho.

Outros há que são como punhais cravados nos nossos corações: morte de um ente querido, doença angustiante, acidentes que nos deformam física ou psicologicamente, divórcio, perda de um grande amor, ódio, suicídio de alguém querido, sofrimento e dor, lágrimas de sangue choradas, amargamente, em suma, perda,..... tristeza... saudade...

Mas que seria de nós sem este sentimento que, como quase todos, nos provoca uma subida de adrenalina que tanto pode ser de amor ou de ódio.

Saudade... sempre saudade!...

PARA QUÊ ENSINAR?

Ensinar!...

Transmitir conhecimentos a alguém que deles necessita! Quem, de algum modo se dedica à tarefa de ensinar, encontrará sempre o fruto daquilo que semeou.

Como é bom termos diante de nós um grupo de crianças inocentes, de olhos ternos esperando ansiosamente aprender o que lhes queremos transmitir.

Aqueles pequenos seres que há bem pouco usavam fraldas, se aconchegavam no regaço das suas mães, aprendendo com elas a balbuciar as primeiras palavras, os primeiros passos, a ter um comportamento correcto, a comer sozinhos, vêem-se pela primeira vez numa sala de aula, com um lugar marcado, pertencendo a uma turma, a uma escola e com um professor que lhes causa preocupação, medo, ansiedade mas que, segundo lhes disseram, lhes ensinaria a ler, escrever, contar, etc. etc. etc.

E esse professor, a quem lhe foi confiado o dever de ensinar ver-se-á, por sua vez, receoso de tarefa a enfrentar mas, optimista no seu poder de comunicação e, esperando dia a dia concretizar o sonho em que se empenhou desde a primeira hora, ensinar com ternura e paciência, ver desabrochar a inteligência daqueles entes que lhes foram confiados, cinzelar amorosamente todas as imperfeições e, por fim, ter a alegria de ver o sorriso confiante e alegre daquelas crianças que se sentem realizadas e muito felizes por já saberem ler uma história, a legenda de um filme ou escrever o seu nome, o que a sua alma sente e muito, muito mais coisas.

A vida vai passando e aparece sempre em nossas vidas alguém que sabe algo que não sabemos e nós vamos assimilando e, pouco a pouco a nossa cultura vai aumentando e, por vezes, já somos nós a ensinar a outrem e, assim sucessivamente. Podemos viver muitos anos que a cada momento seremos confrontados com a alegria de ensinar algo ou de o receber de outrem.

Deparamos, por vezes, com pessoas que eu não consigo entender. Sabem algo que poderia ser útil aos outros, mas fazem juz de guardar segredo, de a ninguém transmitir, com receio de que os outros sejam tão letrados quanto eles, receando, no seu egoísmo, perderem o prestígio ou o seu lugar de destaque na sociedade.

É triste que tal aconteça!

Seria bem melhor que tudo o que é útil fosse transmitido porque teríamos a grata alegria de alguém conseguir até melhorar esse conhecimento e torná-lo cada mais recomendável à sociedade.

Sejamos humildes a ensinar e tenhamos sempre em mente que, enquanto ensinamos, estamos também a aprender.

E como diz a filosofia do nosso povo: - Aprende-se até morrer e morre-se sem saber.

Assim será até aos confins dos tempos e, quer queiramos ou não, a vida é uma contínua aprendizagem. E, quando já avançados na idade, chegaremos à conclusão do filósofo Platão:

Só sei, que nada sei!...

PARA QUÊ A EDUCAÇÃO?

Haverá arte mais difícil do que educar?

Ensinar comportamentos básicos do viver agradavelmente em sociedade, de sermos simpáticos com os nossos semelhantes, condescendentes com as limitações de cada um, humildes nas nossas observações, amáveis com todos, amigos dos infelizes, zelosos dos nossos deveres, prudentes nos nossos direitos e sempre prontos a aceitar uma desculpa e, também, com a humildade necessária saber fazê-lo.

Quantas vezes observamos cenas absolutamente ridículas de pessoas que, na sua prepotência, agridem indiscriminadamente quem os serve, sem a menor cerimónia, sem respeito pelo trabalho dos outros, sem piedade pelas suas limitações, sem um pingote de respeito por aquele ser humano que, por ter tido a infelicidade de nascer pobre, mas cumprindo o seu dever com zelo e alegria se vê humilhado, ridicularizado e, quantas vezes, ofendido por não ter sido capaz de adivinhar os pensamentos de alguém, ou de não satisfazer os caprichos da exigência dos outros.

Há um certo grupo de pessoas, normalmente apelidados de “novos-ricos” que tendo nascido pobres, mas que, com o seu esforço, o seu trabalho e a sua perspicácia enriqueceram rapidamente “em dinheiro” mas, talvez, por traumas sofridos em épocas menos afortunadas ou pura e simplesmente porque não tiveram “berço”, isto é, uma educação esmerada, uma conduta adequada ao local e às pessoas com quem convivem, um “saber estar” que é apanágio daqueles que tiveram a fortuna de terem tido familiares e amigos que pouco a pouco lhes inculcaram as regras da boa educação, se transformam em pessoas ridiculamente exigentes, insatisfeitas, petulantes e, o que é mais penoso ainda, é vê-las carregadas de jóias e roupas de grandes marcas, a comportarem-se como se vadios fossem ou, o que é pior, pessoas frias, incoerentes e sem um pingote de respeito pelo próximo.

Deveriam, sem sombra de dúvida, frequentar qualquer escola de boas maneiras, aconselharem-se com quem sabe um pouco mais do que elas, ter a humildade de reconhecer que o dinheiro ou a cultura, só por si, não são sinónimo de boa educação.

Ficamos chocados com atitudes perversas, desprovidas de sentimentos, de simpatia, de calor humano mas, mais ainda, quando elas vêm de pessoas aparentemente ricas, mas, infelizmente tão pobres de sentimentos e educação!...

Outros há, que se vangloriam da óptima educação que receberam mas que, sem pejo algum, passam a vida a criticar os outros, a esmiuçaram sadicamente a vida das pessoas, rebuscando algum defeito ou atitude menos boa para as colocarem entre os seres mais desprezíveis, sem sequer se terem dado ao trabalho de procurar ajudá-las no infortúnio, na tristeza, na doença ou até na solidão.

Como seria bom se todos nós meditássemos um pouco sobre este tema e procurássemos ajudar mais os outros sem os criticar, infundir respeito e humildade em todos, viver uma vida repleta de alegria interior, de paz de espírito e de um amor profundo por todos os seres humanos que conosco convivem.

PARA QUÊ O STRESS?

Hoje em dia ouve-se muito a palavra stress!...

Passa-se a vida a correr, como se assim conseguíssemos almejar o que desejamos.

A sociedade tornou-se consumista, sentindo necessidade premente de coisas inúteis, de alcançar um lugar de destaque, de ter tudo o que faz ou não falta, para competir com os amigos, familiares ou vizinhos numa ânsia desmesurada de subir... subir... subir...

Mas quem tanto corre, é natural que se esbarre com tantas coisas da vida que vai deixando para trás, sem parar a observar quanto belo é viver!...

São os filhos que ficam desde tenra idade, privados da companhia dos pais, que se esfalfam a trabalhar para os cobrirem de brinquedos inúteis, de luxos desnecessários, de guloseimas prejudiciais à saúde, esquecendo-se que o melhor que lhes dariam seria a sua presença calma, carinhosa e absolutamente necessária.

Crianças tristes, nervosas, sem qualquer respeito pelo que têm, desfazendo brinquedos, jogando-os fora, rasgando e estragando tudo, pois, nada lhes custou a ganhar, nada foi desejado com muito empenho, nada foi conquistado com o seu próprio esforço.

Que sociedade é esta que estamos a preparar para o futuro?

Que valores estamos a deixar de herança aos nossos filhos?

Dinheiro, luxo, carros do último modelo, casas luxuosas? E o amor?! Onde fica esse sentimento que move o mundo, que lhe dá beleza e encanto?!...

Onde colocamos a amizade, se toda a ética está posta de lado, esquecida e vista como algo fora de moda ou em desuso, que se arruma no sótão qual móvel velho ou se atira para a fogueira como um velho traste que já não nos faz falta nem precisamos para viver.

Aqueles que guardam “no sótão” ainda poderão, eles ou os herdeiros, ter a oportunidade de restaurar, de a fazer viver, de lhe dar o brilho necessário, qual móvel antigo que em tempos fora arrumado e, de novo, a façam brilhar e perceber que uma das melhores coisas desta vida, são os verdadeiros amigos, aqueles que pacientemente nos ouvem nas horas de angústia, se riem connosco das alegrias que desfrutamos, que choram com as nossas tristezas, que estão sempre presentes quando deles precisamos.

Stress!... Cansaço!... Exaustão!

Depressões!... Doença!... Vazio!... Ansiedade!...

Que saudades dos meus tempos de menina, em que tudo era feito com método e em que o amor e a família eram os pontos fulcrais da sociedade!...

Façamos uma pausa na nossa vida e vejamos se o que estamos a construir não é uma sociedade sem alicerces, uma vida mal vivida, uma ambição desmesurada!...

Quedemo-nos um pouco e repensemos a nossa conduta porque aquilo que legarmos aos nossos vindouros será o material que terão para continuar esta sociedade já cansada de viver, calculista e obcecada pelos prazeres imediatos, pelos lucros conseguidos de qualquer maneira, mas desdenhosa dos valores morais e da ternura que os nossos corações albergam.

E o que fazemos aos nossos velhos pais, que já não podem bastar-se a si próprios?!

Metemo-los em lares, abandonamo-los à solidão, tratamo-los como cães vadios e velhos sem préstimo e só não os matamos, porque a lei não o permite.

Quão triste é sabermos que um velho pai se suicidou devido aos maus-tratos dados pelos filhos, ao abandono, ao desespero de nada ter, após os ter criado com tanto trabalho e sacrifícios!

Eu sei, por experiência, quão difícil é tratar de velhinhos, de ouvir vezes sem conta as mesmas histórias, as mesmas perguntas, as mesmas lamúrias!...

Mas lembremo-nos que as suas memórias cansadas já foram jovens e, em tempos, nos deram todo o carinho e conforto que lhes foi possível.

Como podemos ficar indiferentes a quem já não tem força, nem vista, nem audição, nem memória, para se bastar a si próprio?!

Amanhã será a nossa vez e é com um pouco de apreensão que pensamos nesse futuro que nos parece remoto, mas que será tão breve, nesse vazio em que talvez vegetemos nos fins da nossa vida, sem amor, sem carinho, sem uma mão amiga que acalente a nossa.

E mais uma vez venho citar a sabedoria popular:

Filho és

Pai serás

Como fizeres

Assim receberás

Meditemos um pouco e encaminhemos as nossas vidas para a felicidade de dar e receber, a alegria de legarmos o mais belo dos sentimentos: **O Amor**.

PARA QUÊ O ABORTO?

Abortar!... Matar algo que é nosso, nos pertence, é sangue do nosso sangue, um bebé minúsculo, mas que já tem coração...uma vida ...

Como podemos conceber que uma mulher boa, meiga, sensível, consiga cometer tal coisa?!...

Se observamos com atenção, grande parte dessas mulheres enveredou por essa solução, por medo da sociedade, da família, dos amigos. Mas que sociedade é esta em que vivemos, que só sabe recriminar, julgar e se refugia nas maledicências, para encobrir, inúmeras vezes, os erros praticados? Que famílias temos nós que, ao contrário de ajudar, dar força, alento, coragem, se limita a virar as costas e dizer que somos a vergonha da família?

E, deste modo, inúmeras mulheres optam pelo aborto, para encobrirem um grande amor que tiveram, um acto impensado, vítimas de estropício, do egoísmo dos homens, para esconderem o “seu erro” e poder continuar a viver sem o repúdio da sociedade. Essas mulheres, que em circunstâncias normais acolheriam o seu filho com grande alegria, vêem-se com uma mágoa jamais esquecida, magoadas física e psicologicamente, carregando a tristeza de terem cometido um crime contra quem seria mais querido, um filho.

E que é do homem que com ela fez esse filho?

Fugiu cobardemente para não aguentar com o jugo da paternidade, ignorou simplesmente deixando que ela decidisse pelos dois, incentivou-a e até lhe pagou para que ela abortasse ou, foi simplesmente ignorado pela companheira e, como se não tivesse qualquer direito sobre esse ser que também era seu e, sem que o soubesse, o seu filho era morto sem sequer lhe ser pedida a sua opinião?

Como eu lamento que tudo isto possa acontecer nesta era em que há tantos métodos anticoncepcionais, levando tanta gente à tristeza e ao remorso...

Outros há, que sendo filhos legítimos de um casal, são lançados ao lixo porque os pais não os querem, não podem ter mais filhos, pois isso iria afectar o orçamento familiar ou até só porque daria muito trabalho a criá-lo. Ainda haverá perdão para aqueles que, vivendo de magros rendimentos, vítimas da fome ou da guerra, de desgraças sem fim, não têm outra alternativa a não ser a de se libertarem de mais uma boca para comer, de um ser destinado ao sofrimento, à discriminação, ao abandono.

O Aborto! Tema sempre polémico, sempre rodeado de opiniões diversas, sempre aceite por uns e repudiado por outros, mas sempre atribuído à mulher.

Sempre temos visto mulheres a serem julgadas pela prática do aborto, mal vistas pela religião, repudiadas por muitos e sempre, sofrendo sozinhas. E o homem, porque nunca é julgado?

No entanto, não será, muitas vezes ele que incentivou a própria mulher a fazê-lo, a obrigou, maltratando-a física ou psicologicamente, ameaçando abandoná-la ou ainda usando de outras pressões menos lícitas e até aviltantes?

E a família?

Quantas vezes são os próprios pais que instigam a cometer esse acto para que “a honra da família” permaneça intacta.

Mas que honra é essa que se alicerça em crimes?...

Que respeito sinto por aquelas mulheres que, desafiando o mundo, a família, a sociedade, deixam os seus filhos nascer e os acalentam em seus braços com todo o carinho, fazendo deles homens ou mulheres, fazendo-lhes notar que, se vieram ao mundo, foi porque elas tiveram uma coragem e amor infindos por eles e se sentem muitos felizes por isso.

Se a sociedade fosse mais indulgente, mais Amiga, certamente não teríamos tanta tristeza, tanto abandono, tanto ódio, tanto desespero, tanta raiva...

É mesmo inconcebível o prazer que as pessoas sentem com a desgraça dos outros, os seus erros, as suas fraquezas, os seus receios!...

Não deveríamos antes julgar essa sociedade de mentes distorcidas, de sentimentos recalçados, de invejas infundadas, de línguas viperinas?!

Tenho pena de ter de admitir que, infelizmente, também há mulheres que encaram o aborto como algo banal e, sem ponta de remorsos, o fazem sem nada sentirem. O que as levará a serem assim?!

Pura maldade?... Uma vida de dificuldades?

Uma amargura constante?!

Ou uma falta de amor incrível, enfim, uma amálgama de ódio, raiva, desprezo, ambição, repúdio e, acima de tudo, falta de apoio, quer da sociedade, do Estado, enfim, mulheres

pobres de tudo, pobres de amor, pobres de sentimentos.

Não julguemos ninguém, pois, quem somos nós para o fazer?

E lembremo-nos sempre “Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra” pois, assim, será mais fácil perdoar, compreender e ajudar.

PARA QUÊ TRABALHAR?

Desde os primórdios dos tempos que o homem trabalha para se alimentar, agasalhar, sustentar os filhos. Com o rodar dos séculos, o homem encontra motivos vários para trabalhar:

_ O conforto

_ A moda

_ As casas bem apetrechadas

_ Os carros confortáveis, exigem dinheiro... muito dinheiro e, para isso há que trabalhar... trabalhar... trabalhar...

Trabalhar tanto, que quase não há tempo para usufruir do dinheiro amealhado.

O trabalho será sempre uma necessidade do homem, não só para conseguir proventos para as suas necessidades, mas também para contribuir para uma sociedade mais evoluída, mais coesa, mais produtiva e com uma forte estrutura.

Todo o trabalho que merece ser feito, deve ser bem feito para que se colham os frutos do mesmo. É necessário trabalhar bem, com esmero, cuidado, fazendo-o com amor e alegria pois, tal como uma planta necessita de Sol, chuva, carinho, cuidado, também o trabalho a executar deve albergar todo o nosso empenho, pois, só assim merecemos ser remunerados e usufruir com satisfação desses proventos alcançados com o nosso esforço, a nossa vontade, a perfeição e esmero dedicados, sentindo-nos realizados e felizes por contribuirmos para o desenvolvimento do nosso país, do nosso povo e até da felicidade do dever cumprido.

Ao escolhermos uma profissão, devemos fazê-lo com todo o cuidado atendendo às nossas tendências, ao nosso gosto pessoal pelo trabalho executado e, com um forte empenho em realizar tudo, com o melhor que nos for possível.

Devemos manter-nos informados sobre a evolução dos conhecimentos relativos à profissão exercida, troca de ideias com colegas do mesmo âmbito e ouvir com humildade alguma reprensão.

Faz parte do nosso equilíbrio psicológico sentirmo-nos realizados na profissão exercida, mas também o cuidado de não nos deixarmos abafar por ela, descurando aspectos não menos

Importantes à nossa vida. Saibamos trabalhar afincadamente, mas com controlo, pois, se passar a ser um vício, uma obsessão, cairemos no erro de ver outros parâmetros da nossa vida destruídos ou danificados:

_A saúde

_A família

_Os amigos

E tantas outras coisas da vida que passarão despercebidas e, chegados à velhice, veremos com angústia o muito que perdemos de bom nesta vida para tal como o Tio Patinhas, nos vermos sentados numa pilha de moedas, mas sós, abandonados, sem nada nem ninguém que nos tenha verdadeiro amor.

Trabalhar, sim, mas não o fazer para além das nossas forças, do “nosso tempo” das necessidades exigidas por ele e com a esperança de “aquela peça de puzzle” de que fazemos parte, será uma peça firme e útil a nós e à sociedade.

Além do mais, temos ainda os pequenos “hobbies” que nos devem manter interessados e realizados nesta vida.

Há pequenos trabalhos que, realizados fora da nossa profissão, nos dão um gozo e uma realização plena de ocupar os tempos livres em pequenas coisas úteis, que distraem o espírito, mas nos ajudam a aliviar o stress do dia a dia e, quantas vezes, a contribuir para a evolução dos conhecimentos desta sociedade que ocupa os tempos livres tão ociosamente e sem qualquer enobrecimento dela própria e do próprio ego de cada um.

Trabalhem, pois, com afinco e com a certeza do dever cumprido.

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e as empresas CETRUS, Fernando Costa & Cª Lda., GOARCA, IMA Precision, Oceano de Ideias e Organigráfica decidiram associar-se à divulgação do livro “Para Quê?” patrocinando esta edição com vinte e três Temas de Reflexão escritos pela mão de Maria Carolina da Silva Cardoso e Sá. Um livro que nos transmite o que lhe vai na alma e onde nos podemos rever constantemente.

Se deseja enviar um comentário à autora do livro, envie uma mensagem através do e-mail: para.que@imaprecision.com



CÂMARA MUNICIPAL
VILA NOVA DE FAMILIÇÃO

www.cm-vnfamaliacao.pt



www.cm-vnfamaliacao.pt



Fernando Costa & C.ª, Lda.

www.fernandocosta.pt



www.cetrus.pt



www.organigrafica.pt



www.goarca.pt



www.imaprecision.com



www.oceanoideias.com

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e as empresas CETRUS, Fernando Costa & Cª Lda., GOARCA, IMA Precision, Oceano de Ideias e Organigráfica decidiram associar-se à divulgação do livro “Para Qué?” patrocinando esta edição com vinte e três Temas de Reflexão escritos pela mão de Maria Carolina da Silva Cardoso e Sá. Um livro que nos transmite o que lhe vai na alma e onde nos podemos rever constantemente.

ISBN 972-99751-1-6



9 789729 997511 0